

ESCOLA DE SAMBA COMO A VOZ DO POVO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS CARACTERÍSTICAS DE RESISTÊNCIA NO CARNAVAL CONTEMPORÂNEO



Lana Galvão Catib

RESUMO

O trabalho explora os conceitos de indústria cultural, identidade nacional e luta para inserção da etnia negra com a análise dos desfiles de carnaval do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Palavras-chave: samba; resistência; carnaval; samba-enredo; cultura.

INTRODUÇÃO

O samba contém inúmeras ramificações: samba-choro, samba-canção, samba de terreiro, samba de exaltação, samba-enredo, samba de breque, sambalanço, samba de gafieira, bossa nova, samba-jazz, samba de partido alto, samba de morro, samba de quadra e samba *rock* (MUNANGA, 2006 apud AZEVEDO, 2018, p. 49).

O samba-enredo não é a modalidade que mais preservou os batuques matriciais, contudo, é uma das modalidades com maior visibilidade no Brasil devido a sua intensa midiaticização. Foi escolhido para esta pesquisa devido a espetacularização dos carnavais, que promove movimentação econômica nas cidades Rio e São Paulo.

O carnaval nem sempre foi ligado ao samba. De início, tinha influência européia, como baile de máscaras e festas de salões, em uma data criada pela Igreja para ter controle da festa pagã. No Brasil, com a participação de escravos nessa festa, os batuques começaram a fazer parte. No século 19 as discrepâncias eram grandes na prática do carnaval. Enquanto a classe alta fazia o famoso curso carnavalesco, com carros luxuosos, a classe marginalizada fazia os cordões carnavalescos nas praças do Rio de Janeiro.

O samba já existia na Bahía mas foi no Rio de Janeiro que se estilizou. Seu sucesso como música de identidade nacional faz parte de uma aspiração nacionalista pós-guerra.

Observa-se uma contraposição entre as características padronizantes e alienantes da produção capitalista e as características de resistência em um mesmo espetáculo, em uma mesma arte.

A incorporação do samba como produto da indústria cultural deslocou o seu ritmo de produção pois,

A economia capitalista é autogeradora de uma temporalidade com lógica própria. Ao se passar a viver de samba - ao invés de se viver no samba ou com ele - entrou-se no esquema de produção que, aos poucos, introduziu o seu ritmo próprio: o do espetáculo. Isso ocorreu também no interior das escolas de samba, cujas modificações acompanharam a trajetória ideológica da classe média: a escola começou a buscar formas empresariais (que abriram portas para o dirigismo estatal), vinculadas ao *show business*, e a profissionalizar os seus integrantes. (SODRÉ, 1998, p. 52)

OBJETIVOS

Tem-se como objetivo deste trabalho, destacar algumas características desse ritmo como instrumento de resistência da etnia negra no Brasil nos séculos passados; em seguida, buscar as características de afirmação da cultura negra presentes nos desfiles de carnavais contemporâneos para, então, analisar se estes são, como antes, mais do que uma demonstração cultural, mas, uma demonstração de resistência.

QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

A indústria carnavalesca

A profissionalização do carnaval e conseqüente especialização do trabalho na sua produção, causou modificações profundas na produção e no espaço de mediações culturais das escolas de samba, como conseqüência da centralização da concepção e execução do desfile em acadêmicos externos a esse universo. Tal inserção, que teve início com a Acadêmicos do Salgueiro, foi aderida pelas outras escolas com o passar do tempo e ampliando a rivalidade pelo prêmio.

Mauro Cordeiro (2017, p. 245), doutor em Sociologia, analisou esse panorama de forma pessimista: com a entrada dos carnavalescos na produção dos carnavais pelas escolas de samba, legitimados pelo capital cultural através do diploma, há uma violência simbólica estruturante a partir da reconfiguração da produção de bens culturais nesses espaços sociais.

A festa espetacular que assistimos todos os anos não poderia ser feita apenas com investimento do governo ou por agremiações de bairro,

O modelo de festa precisa da grande empresa para manter o conforto, a segurança e a diferenciação de seus consumidores. Só a grande empresa tem condições de empreender este tipo de evento. Nem o Poder Público nem as pequenas agremiações

de bairro poderiam reunir os recursos, equipamentos e pessoas necessárias, e congregar tudo isso em um grande evento. Antes, a tradição era a principal fornecedora de capital simbólico às agremiações. Hoje, esse papel é desempenhado pela sua organização administrativa. (MADEIRO DA SILVA, 2004, p. 120)

O mundo inteiro passa pelo filtro da indústria cultural. Com isso, a lógica de mercado insere o Carnaval em um ciclo de produção padronizada. Segundo Horkheimer (1947, p. 4): “Não somente os tipos das canções de sucesso, os astros, as novelas ressurgem ciclicamente como invariantes fixos, mas o conteúdo específico do espetáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência. Os detalhes tornam-se fungíveis.”. Ou seja, os desfiles de 2019 seriam os mesmos desfiles de 1990, mudando apenas a aparência.

A resistência

O conceito pode abranger desde “contextos de inequívoca opressão política até as mais efêmeras formas de cultura de massa”, (BROWN apud FILHO, 2007, p. 14). Para esse estudo não consideramos a resistência como pressuposta por intencionalidade e reconhecimento da operação para o ato de resistir.

No âmbito do agenciamento e a concepção de resistência que concerne ao carnaval de sambódromo, temos que

Os critérios que aquilatam a eficácia oposicionista de determinadas ações também variam bastante. Com base em diferentes visões acerca da pujança radical da performance e da carnavalização, cerimônias coletivas de união de pessoas do mesmosexo e paradas que celebram o “orgulho gay” podem tanto ser exaltadas como subversões inovadoras e efetivas de valores e normas de comportamento quanto rechaçadas como encenações confeccionadas sob os ditames da sociedade do espetáculo, folias inconsequentes cujos idealizados efeitos de ruptura são facilmente assimiláveis pela ordem da diversão midiática. (FILHO, 2007, p. 18)

onde, de fato, tornou-se uma forma de observar economia e política culturalmente.

OBSERVAÇÃO

A partir da observação dos dois últimos desfiles de carnaval em São Paulo e Rio de Janeiro, expostos neste tópico, serão avaliadas as características de resistência. Também é importante analisar a fala de alguns participantes da construção do desfile.

Carnaval 2018

“Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?” - Paraíso do Tuiuti

Qual será o valor? Pobre artigo de mercado

Senhor eu não tenho a sua fé, e nem tenho a sua cor

Tenho sangue avermelhado

O mesmo que escorre da ferida

Mostra que a vida se lamenta por nós dois

Mas falta em seu peito um coração

Ao me dar escravidão e um prato de feijão com arroz

Eu fui mandinga, cambinda, haussá

Fui um rei egbá preso na corrente

Sofri nos braços de um capataz

Morri nos canaviais onde se planta gente

Ê calunga! Ê é calunga!

Preto Velho me contou, Preto Velho me contou

Onde mora a senhora liberdade

Não tem ferro, nem feitor

“Senhoras do ventre do mundo” da escola Acadêmicos do Salgueiro; “Monstro é aquele que não sabe amar” da Beija-Flor de Nilópolis e “Maranhão; os Tambores vão Ecoar na Terra da Encantaria” da Acadêmicos do Tatuapé. Dessas escolas, 3 são do Rio de Janeiro¹ e 1 é de São Paulo².

Nesse ano, houve corte de verbas pela Prefeitura do Rio para o carnaval.

¹ Letras dos sambas disponíveis em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2018/noticia/veja-as-letras-dos-sambas-enredo-das-escolas-do-rio-para-o-carnaval-de-2018.ghtml>>. Último acesso: 06 de jun de 2019.

² Letras dos sambas disponíveis em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/carnaval/2018/noticia/veja-as-letras-dos-sambas-enredo-das-escolas-do-carnaval-2018-de-sao-paulo.ghtml>>. Último acesso: 06 de jun de 2019.

Carnaval 2019

“História para ninar gente grande” - Estação Primeira de Mangueira

Brasil, meu denço

A Mangueira chegou

Com versos que o livro apagou

Desde 1500

Tem mais invasão do que descobrimento

Tem sangue retinto pisado

Atrás do herói emoldurado

Mulheres, tamoios, mulatos

Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara

E a tua cara é de cariri

Não veio do céu

Nem das mãos de Isabel

A liberdade é um dragão no mar de Aracati

“Oxalá, salve a princesa! A saga de uma guerreira negra” - Mancha Verde

*Tambores vão ecoar, a festa vai começar
O meu batuque traz a força do terreiro
A mancha verde é kizomba, amor
Salve a princesa! Viva o povo negro!*

*O ora ie ie ô ora ie ieu mamãe Oxum
Um ventre de luz, o fruto do amor
Kaô kabecilê Xangô
África, suntuosa riqueza
África, reluz o encanto e a nobreza*

“Quilombo do Futuro” - Vai-Vai

*Ô, Inaê, rainha do mar
Alodê, Iabá, Odoyá
Cuida de mim, mamãe, leva meu pranto
Em seus braços, o meu acalanto*

*É que eu sou da pele preta
Quilombo do povo, eu sou Vai-Vai
Um privilégio que não é pra qualquer um
Protegido e abençoado por Ogum*

*Sorrir, sim, nós podemos sonhar
Pois temos um futuro pela frente
Punhos cerrados
A Saracura está presente*

*É que eu sou da pele preta
Quilombo do povo, eu sou Vai-Vai
Um privilégio que não é pra qualquer um
Protegido e abençoado por Ogum*

Também tiveram como tema afro os sambas: “Hakuna Matata”, da escola Colorado do Brás; “Liberdade, Canto Retumbante de Um Povo Heróico”,/ da Acadêmicos do Tucuruvi; “Bravos Guerreiros”, da Acadêmicos do Tatuapé; “Xangô”, da Acadêmicos do Salgueiro e “Da Majestosa África, Tu És Negra Mulher”, da escola Pérola Negra. Dessas escolas, 2 são do Rio de Janeiro e 6 são de São Paulo³.

Um samba-enredo que merece destaque nesse ano é o da São Clemente (RJ), “E o samba sambou...”, que desenhou em seu desfile a problemática abordada por essa pesquisa: “Quem diria minha gente / Vejam o que o dinheiro faz [...] / Hoje o samba é dirigido com sabor comercial”, relembrando as tradições que eram vívidas na época da Praça Onze (primeira metade do século XX).

O carnavalesco Leandro Vieira, da Estação Primeira de Mangueira, vencedora do desfile de 2019, disse: "É um recado político para o país todo, que tem que entender que isso aqui é importante. É um recado político também para o presidente mostrar que o carnaval é isso aqui. O carnaval é a festa do povo. O carnaval é cultura popular. O carnaval não é o que ele acha que é. O carnaval é isso. E ele deveria mostrar para o mundo o carnaval da Mangueira. O carnaval da arte, o carnaval da luta, o carnaval do povo, o carnaval da cultura popular."

³ Letras dos sambas disponíveis em: <<https://diaspora.black/na-luta-e-no-carnaval-e-que-a-gente-se-encontra/>>. Último acesso: 06 de jun. de 2019.

A RESISTÊNCIA CONTEMPORÂNEA NO CARNAVAL

As escolas de samba promovem um ato pedagógico nas comunidades participantes a partir dos símbolos, narrativas e linguagens inseridas em seu desfile-enredo. Ao escolherem um tema ancestral, reafirmam sua cultura e suas instituições as quais foram excluídas e marginalizadas no processo de industrialização do Brasil.

Ainda que o carnaval esteja sob uma ótica de produção de cultura de massa, Muniz Sodré (1998, p. 50), essa expropriação cultural não deve ser vista de forma paranóica como uma “corrupção cultural” dos valores de uma classe por outra. Trata-se de uma lógica própria do processo produtivo que permitiu uma festa em base tão rentável, ainda que haja a divisão de duas culturas: a tradicional (negra) e a técnico-capitalista.

Vejo que a magnitude tomada pelos desfiles carnavalescos proporcionam maior espaço para a voz do povo das comunidades, reafirmação e expressão de suas culturas. Nos sambas-enredo de 2019 vemos fortes expressões de matriz africana. A religião sempre esteve presente nesse estilo musical e isso é uma resistência centenária de uma cultura que passou por processos de embranquecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, Gustavo Madeiro da; CARVALHO, Cristina Amélia Pereira de. **Carnaval, Mercado e Diferenciação Social**. 2004. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/1135/1/arquivo1596_1.pdf>. Acesso em: 01 junho. 2019.

FREIRE FILHO, João. Introdução: Resistência, um conceito camaleônico. In: **Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 13-28.

VELLOSO, Mônica. **“A ‘cidade-voyeur’: o Rio de Janeiro visto pelos paulistas”**. In **Revista Rio de Janeiro**. Niterói, 1986, nº 4, pp. 55-65.

NAPOLITANO, Marcos; WASSERMAN, Maria Clara. **Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira**. Rev. bras. Hist. [online]. 2000, vol.20, n.39, pp.167-189.

GOMES, Tiago de Melo. **Gente do samba: malandragem e identidade nacional no final da Primeira República**. Topoi, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, jul./dez.. 2004.

GOMES, Tiago de Melo. **Resenha de O Mistério do Samba por VIANNA, Hermano**. Revista Brasileira de História, vol. 21, nº 42. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n42/a14v2142.pdf>>.

PEREIRA, Umberto Santos. **A Constituição do Campo do Samba e a Trajetória de Noel Rosa**. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

AZEVEDO, Amailton Magno. **Samba: um ritmo negro de resistência**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 70, p. 44-58, ago. 2018.

FILHO, Juliano Alves dos Santos. **Ensaio sobre o samba**. REPERTÓRIO: Teatro & Dança - Ano 11 - Número 11 - 2008. Disponível em: <http://www.revistarepertorioteatroedanca.tea.ufba.br/11/arq_pdf/ensaiosobreosamba.pdf>.

KASAHARA, Ivan. **A história dos desfiles das escolas de samba**. 2016. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/8651-a-historia-dos-desfiles-das-escolas-de-samba>>. Acesso em: 01 abr. 2019.

MEIRELLES, Paola. **Samba: produto cultural e patrimônio imaterial**. 14 f. Artigo pela FIAM-FAAM.

JUNIOR, Mauro Cordeiro de Oliveira. **CARNAVALESCOS E AS ESCOLAS DE SAMBA SA: PRODUÇÃO SIMBÓLICA, INDÚSTRIA CULTURAL E MEDIAÇÃO**. Revista Eletrônica de Ciências Sociais da UFJF, 2017.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. **Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, UFRJ, 2006.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas**. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.